CMP 1.2.2.143

TEMPO EM SÃO PAULO

Bom pela manhã; instabilidade passageira no período. Temperatura em ligeira elevação. Página 53

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO DE MESQUITA NETO
DIRETOR RESPONSÁVEL

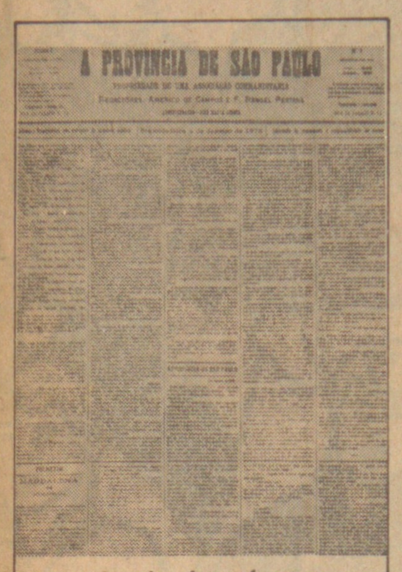
JULIO MESQUITA (1891-1927) *JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969)* *FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)*

Capital e Interior de São Paulo Cr$ 15,00 | ANO 101 | DOMINGO, 1 DE JUNHO DE 1980 | Nº 32.274 | Assinatura Cr$ 2.350,00

Um novo formato e um novo padrão gráfico

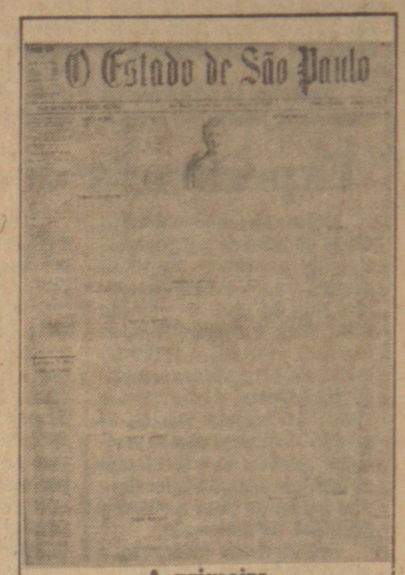
A partir de terça-feira, O Estado de S.Paulo *vai aparecer com um novo formato e um novo padrão gráfico em todas as residências, indústrias, comércio e bancas do Brasil e do Exterior. Da evolução do sistema de composição manual, passando pelos linotipos e chegando a era do computador, o* Estado *passará a ser apresentado em 6 colunas — o que já acontece hoje com suas primeira e última páginas, com a seção de Artes e a página de Editoriais —, permitindo ao leitor uma leitura mais fácil e aos anunciantes mais opções.*

É na sua oitava sede, quarta sede própria, que o Estado *passa a usar o mesmo sistema utilizado pelos principais jornais do mundo, levando ao leitor o que há de mais moderno em termos de comunicação visual, obediente sempre à sua tradição gráfica e à sua posição independente. Dos velhos linotipos, que, como o próprio* Estado *publicou no dia de sua mudança da rua Major Quedinho para a avenida Caetano Álvares, em 1976, escreveram "histórias de amor", resta a certeza de terem contribuído para esse grande passo de renovação e atualização. Hoje, os computadores ocupam o lugar das velhas máquinas e o esquema industrial transforma-se como a própria notícia se transformou ao longo do tempo. Fica, porém, nessa grande mudança, a fidelidade do* Estado *aos seus princípios básicos de informar com a dignidade que o caracterizou em seus 106 anos de existência — 101 anos de vida independente.*



O primeiro número do "A Provincia" com suas cinco colunas largas e os lemas ao lado da data

A edição de 16 de novembro de 1.889, com a saudação à República. Depois, mudaria de nome



A primeira ilustração, em 6 de novembro de 1890: José Teixeira da Silva, morto em um incêndio

O jornal de janeiro de 1935, com 9 colunas e notícias nacionais e internacionais

Durante a época da censura, as cartas alterando o padrão gráfico, então em 8 colunas

Uma edição especial, com todas as mudanças, para que os anunciantes pudessem se adaptar aos novos padrões

Mais fácil para ler, mais opções para os anunciantes

Melhor apresentação gráfica, mais e melhores opções para os anunciantes, facilidade de leitura. Esses foram os pontos fundamentais que determinaram a mudança de todo o **Estado** e **Jornal da Tarde** para a diagramação em 6 colunas em lugar das 8 tradicionais, com a redução da largura do jornal. Desde 1973 já havia a intenção de se fazer essa transformação, a exemplo do que começava a acontecer com os principais diários dos Estados Unidos em suas várias edições.

Fundados em estudos da "American Newspaper Publishers Association" Anpa — e nas experiências com bom êxito de jornais como o **New York Times, Los Angeles Times** e **Miami Herald**, em junho de 1979 o **Estado** iniciou sua contagem regressiva visando passar todo o jornal para o formato de 6 colunas. Bem antes, em setembro de 1977, as primeiras iniciativas nesse sentido já estavam sendo tomadas: o **Estado** informava seus leitores que a primeira página e a última página, além da seção de Artes, começavam a ser diagramadas no novo estilo, o que marcava o início de uma nova etapa na evolução gráfica do jornal.

Essa transformação levou em conta uma série de fatores. Entre eles, o problema do crescimento vertiginoso do preço do papel-jornal cujo custo não poderia ser transferido para o leitor — nem poderia retirar-se a principal relação de identidade com o jornal: o número de páginas e de informações precisavam ser mantidos.

Segundo os estudos da "American Newspaper Publishers Association", existiam duas opções para manter os jornais dentro de suas características técnicas e de informação, enfrentando ao mesmo tempo a crise do papel: ou aumentar o tamanho do jornal em sua largura; ou o inverso, diminuí-lo nas mesmas proporções. Pesquisas exaustivas de manuseio de papel, quer pelas próprias empresas, em seus departamentos industriais, quer pelo próprio leitor, que teria nas mãos um volume de papel muito maior, solução inaceitável para a época da miniaturização, levaram o **Estado**, a exemplo dos jornais americanos, a optar pela redução.

Essa redução de tamanho, contudo, não retira nada dos milhares de leitores — hoje, o **Estado** já atinge marca superior a 120.000 assinantes. Ao contrário, acrescenta: há melhor padrão gráfico, melhor exposição visual, e, também, facilita-se a leitura e o próprio manuseio do jornal, especialmente nas grandes edições de quinta e domingo — aos domingos, atualmente, as tiragens têm superado os 370.000 exemplares. Isso sem falar nas opções de que dispõem os anunciantes, que no corpo normal do jornal podem ver seus anúncios colocados em opções que vão até 9 colunas. Há uma grande diferença entre o **Estado** e outros jornais brasileiros que utilizam 6 colunas: o **Estado** será o primeiro jornal do Brasil a conciliar o material editorial em 6 colunas com a publicidade em 9 colunas. E com outra distinção: a seção de **classificados** continua com seu padrão normal, ou seja, em 10 colunas, mantendo-se, apesar da redução, o mesmo número de caracteres em cada anúncio e a mesma disposição gráfica até hoje apresentada.

A preocupação com o leitor

Antes de colocar a idéia em prática, o **Estado** procurou estudar os mínimos detalhes para apresentar ao leitor o mesmo "Estadão" que ele sempre se acostumou a receber. Para a mudança, foram feitas reuniões com outras empresas jornalísticas paulistas para que todos mudassem sua apresentação gráfica na mesma oportunidade (em São Paulo, a **Folha da Tarde** já mudou; no Rio, o **Jornal do Brasil** e **O Globo** já haviam feito a mudança anteriormente). A partir de depois de amanhã, o **Estado** entra em sua nova fase, o mesmo acontecendo com a **Gazeta Mercantil**, o que deverá ocorrer também com a **Folha de São Paulo, Notícias Populares, Diário da Noite, Diário Popular** e **Diário do Comércio e Indústria.**

Mas o **Estado** foi mais além: preparou uma edição especial de 24 páginas destinada principalmente às agências de publicidade, para não só sentir a receptividade pelo novo formato do jornal, mas também para que essas empresas pudessem adaptar a publicidade de seus clientes aos novos padrões gráficos. Durante essa fase, sempre se levou em conta que tanto o material editorial como o publicitário deveriam continuar chegando às mãos do leitor com a mesma qualidade e confiabilidade que fizeram de o **Estado** um dos principais jornais do mundo.

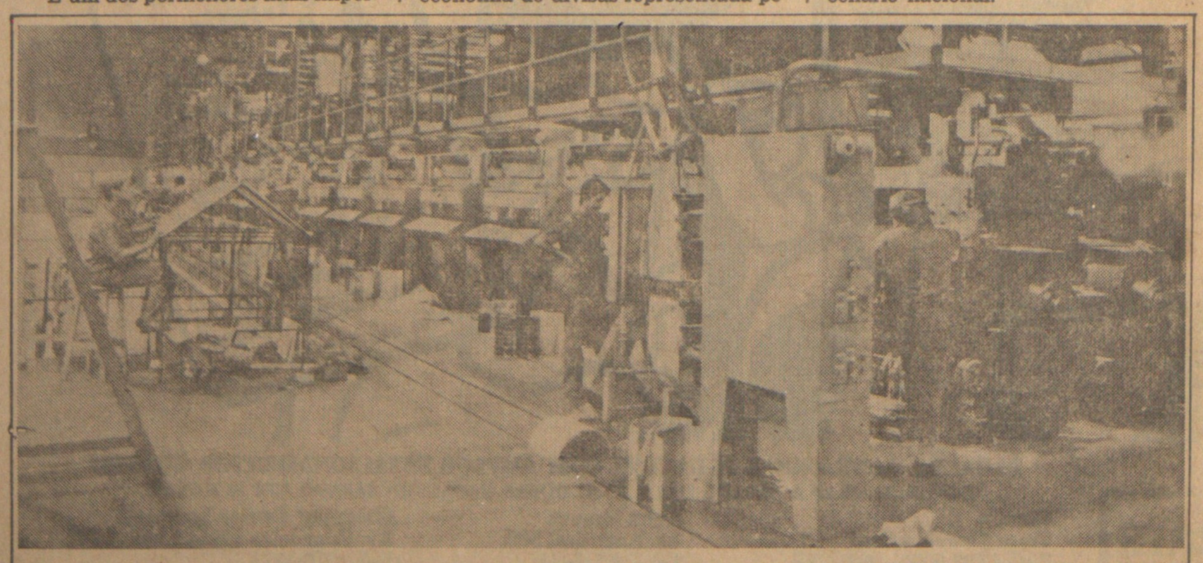
A mudança, com tecnologia brasileira

A modificação do padrão gráfico de 8 para 6 colunas levou os responsáveis pelo **Estado** a trabalharem 24 horas por dia para encontrar e resolver os principais problemas que a transformação poderia provocar. Todo o equipamento teve que ser adaptado, desde os computadores, que terão todos os seus programas revistos, até as rotativas, que tiveram de amoldar-se ao novo formato de papel. Tudo isso foi realizado de forma que o **Estado** pudesse ainda hoje sair impresso em seu formato normal e com as tradicionais 8 colunas e, já na edição de depois de amanhã, apresentar-se totalmente modificado.

E um dos pormenores mais importantes de todo esse trabalho foi a criação de uma tecnologia totalmente nacional pelo próprio **Estado,** que não importou peças para modificar seus equipamentos, produzindo em suas oficinas aquelas de que necessitava para entrar no novo padrão — foram produzidas, nesse esquema, mais de mil peças para a implantação das mudanças. Dentro da política de contenção de despesas do governo federal e de sua preocupação com os saldos da balança comercial, essa etapa representou para o Brasil economia em divisas, além do desenvolvimento de novas técnicas na área gráfica. Deve-se considerar ainda outra substancial economia de divisas representada pelo novo formato do jornal, que levará a uma redução nas importações de papel.

É assim que o **Estado** chegará às mãos de seus leitores a partir de depois de amanhã, fruto de um trabalho meticuloso, programado, dirigido para o leitor, para os anunciantes, para o País.

Mais uma etapa é vencida. O **Estado,** acompanhando as mudanças de seu tempo, sai às ruas com um novo padrão gráfico, mas mantendo, como sempre, sua independência, tradição, confiabilidade, e o respeito de quem conhece o papel que desempenha no cenário nacional.



O atual parque gráfico, que já imprime aos domingos tiragens superiores a 370 mil exemplares

A evolução gráfica

"... Foi uma noite esplêndida, de alegria, oficinas engalanadas, muitas visitas..." Assim Hélio Pereira Magro Junior, paginador do primeiro número de a Província de São Paulo conta como foi feita a primeira página do jornal, edição de 4 de janeiro de 1875, nas oficinas instaladas na então rua do Comércio, esquina da rua das Cazinhas, o velho casarão assobradado, com sacadas de madeira pintadas de verde e a velha máquina "Alauzet" funcionando pelos braços de trabalhadores recrutados no Largo da Misericórdia e na Caixa D'Água, e tendo por iluminação duas velas de sebo.

Aí começa uma rápida cronologia das transformações gráficas que A Província de São Paulo e depois O Estado de S. Paulo sofreram durante mais de um século até atingir as 6 colunas da nova apresentação gráfica que começará depois de amanhã.

O primeiro jornal surgiu com cinco colunas largas, quatro páginas e, já no segundo número, prometia novidades para a época, como seções específicas ("Industrial", "Comercial", etc). A 12 de abril de 1875, abria suas páginas para o primeiro anúncio fúnebre e, 11 dias depois, para um anúncio de página inteira: "Lojas Águias de Ouro", uma casa de ferragens de Campinas que havia sido destruída por um incêndio.

No ano seguinte, já com venda avulsa nas ruas, a Província aparecia com 5 colunas em cada página, com corpo 10 (e às vezes 8), e títulos sempre em apenas uma coluna. Os editoriais e a seção livre eram publicados na primeira página.

No dia 1º de janeiro de 1878 o jornal mudou de fisionomia pela primeira vez, aparecendo com o cabeçalho em letras góticas. No ano seguinte, o cabeçalho seria novamente modificado, retirando-se os lemas e mantendo-se o preço da assinatura, com título ainda em letras góticas e o esclarecimento legal: "Propriedade de uma ação comanditária". Ainda nesse mesmo ano, era publicado pela primeira vez um anúncio em cores, na última página: "Litografia Jules Martin".

Assim permaneceu até 1886, quando passou para 8 colunas, transformando o corpo 10 em 8 e reduzindo o tamanho das letras góticas do cabeçalho. Os títulos continuavam sempre em uma coluna. Dois anos depois, a crise do papel obrigava a Província a ser impresso em até sete colunas. Em 1889, a composição passou a ser feita em corpo 8, "mais elegante". No dia 1º de janeiro de 1890, o nome era mudado para O Estado de S. Paulo, mantendo-se porém o formato gótico.

A primeira ilustração só iria aparecer no dia 6 de março de 1890, com a fotografia do caixeiro José Teixeira Silva, morto no incêndio da loja da China.

Uma nova mudança do cabeçalho aconteceria em novembro de 1890, com o título isolado no alto da página, entre fios, o ano no canto esquerdo, seguido do endereço: "Redação — rua 15 de Novembro 58", e o nome do então gerente João da Veiga Cabral. Duas linhas indicavam a data, e abaixo surgia o dístico: "Propriedade da Companhia Impressora Paulista". Seguiam-se os preços das assinaturas: "Capital, 14 mil réis; Interior, 18 mil réis; Estrangeiro, 36 mil réis. Número do dia, 60 réis, atrasado 100 réis". No canto direito, o número do exemplar.

Em 1892, o formato gótico cedeu lugar aos tipos até hoje utilizados, embora maiores, e a composição ficava mais clara. E, no segundo semestre de 1894, quebrava-se a primeira tradição e publicava-se um título em duas colunas, recurso antes só usado para colaborações em verso.

Em 1896, a composição passou a ser feita em 9 colunas, no lugar das 8 tradicionais, e a composição em corpo 6, substituindo o 8. Dois anos depois, com a aquisição de uma nova rotativa Marinoni, desaparecia do cabeçalho a expressão "Tiragem" e surgia "Esteriotipado e impresso nas máquinas rotativas Marinoni".

Em algumas oportunidades, o padrão gráfico era quebrado, como no dia 1º de janeiro de 1901, quando foi publicado na primeira página um editorial em cinco colunas e meia sobre o novo século que começava, ou então no dia 6 de novembro daquele mesmo ano, quando se publicou um manifesto político em 12 colunas da Dissidência do Partido Republicano.

Em fevereiro de 1903, o Estado passava a ser impresso em 10 colunas em lugar das 9, e em 1906, com a mudança para a praça Antônio Prado, incorporava novos tipos de letras.

Em meados de 1907, o cabeçalho mudava novamente e voltava-se da impressão em 10 colunas para 8 colunas. No fim de 1908, surgia pela primeira vez com 16 páginas e uma composição mais clara, desta vez abandonando-se a composição manual e introduzindo-se os linotipos. Em 25 de junho de 1912, seguindo o exemplo português, promoveu ampla reforma ortográfica, que seria revista seis meses depois por ordem pessoal de Julio de Mesquita, que se encontrava na Europa.

Em 24 de maio de 1915, surgia o Estadinho, a edição vespertina de O Estado, com grande número de fotos, caricaturas, mapas, composto em corpos 8 e 10 e uma linguagem considerada "irreverente" para a época.

Em 1917, o padrão gráfico era atingido pela primeira vez pela censura, que obrigou a publicação de um editorial com espaços em branco. Em 1923, o cabeçalho foi novamente mudado em conseqüência da nova lei de imprensa, que exigia se publicasse na primeira página o nome dos diretores responsáveis.

Em março de 1925, introduzia-se outra novidade, com a última página aparecendo com o mesmo cabeçalho da primeira nas edições dominicais. Dois anos depois, com a morte de Julio de Mesquita, modificava-se novamente o cabeçalho da primeira página.

Na Revolução de 1932, no dia 29 de setembro, uma nova norma era rompida e a manchete da primeira página ("O Exército da Lei mantém valentemente suas posições") aparecia em 9 colunas.

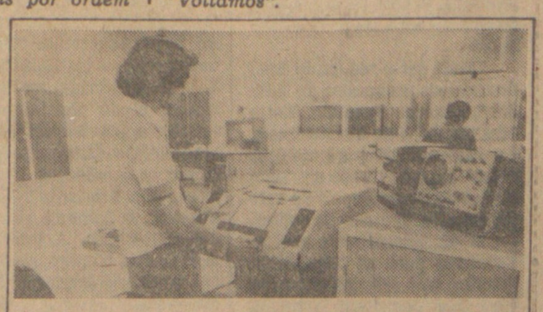
O jornal continuava impresso em 8 colunas, mas novas modificações gráficas eram introduzidas com a aquisição de equipamentos mais modernos e com a inserção de colunas especializadas, principalmente comentários sobre política nacional e internacional, educação, saúde e economia, entre outros.

Em 1954, surgiram os suplementos Feminino e Agrícola, com novas técnicas de apresentação gráfica e novos modelos de títulos. Naquela época, a primeira página do Estado publicava apenas notícias internacionais, regra só quebrada no dia 2 de abril de 1964, com o noticiário da Revolução de 31 de março.

O padrão em 8 colunas foi mantido até 1977, quando a primeira e última páginas e a seção de Artes passaram a ser diagramadas em 6 colunas — a terceira página era diagramada em cinco colunas, com medida falsa.

Antes disso, entre todas as alterações da página 3, uma das principais foi a da "Notas e Informações", com a supressão do principal editorial da página. Composta originalmente em 2 colunas, depois de 13 de dezembro de 1968, quando o comentário "Instituição em Frangalhos" foi vetado pela censura, com o jornal apreendido, ele só voltou a apresentar o mesmo formato seis anos depois, com o título que marcava bem a posição do Estado em todo o episódio revolucionário de censura à imprensa: "Voltamos".

"Alauzet", a primeira impressora



Hoje, tudo controlado por computadores

Rondon procura corrigir as falhas e amplia programa

EFIGÊNIA MENNA BARRETO

Às vésperas de seu aniversário, o Projeto Rondon faz um balanço desses 13 anos em que envolveu cerca de 700 mil estudantes e reconhece: ainda há muitas falhas no treinamento dos universitários. É preciso gastar mais tempo no levantamento das áreas de atuação para evitar a defasagem entre os preparativos e a realidade.

Também às vésperas de mais uma Operação Regional, em que serão mobilizados sete mil universitários, o Projeto Rondon anuncia seu plano mais ousado: o Programa de Interiorização, que contratará profissionais recém-saídos das universidades para trabalhar por um ano nas cidades mais pobres do Interior, promovendo sua recuperação. Para os responsáveis pelo projeto, pode ser um passo muito importante para o problema da mão-de-obra recém-formada e desempregada.

Experiência de 13 anos

Muita coisa mudou desde o dia 11 de julho de 1967, quando a equipe pioneira de apenas 30 pessoas chegou à região amazônica para dar início à Operação Zero. Hoje, o Projeto Rondon tem uma verba anual de Cr$ 600 milhões e 340 pessoas em serviço permanente, e abandona a visão basicamente voltada às grandes distâncias para se preocupar também com problemas de periferia das regiões locais — sem perder de vista o objetivo principal, de integração.

Dentro dessa concepção, o mês de junho é particularmente importante. Primeiro, porque nessa época se desenvolvem os preparativos para as Operações Regionais, realizadas nos próprios Estados onde moram os universitários — em São Paulo, os principais trabalhos serão no Vale do Ribeira e no Pontal de Paranapanema. Segundo, porque os preparativos são ainda a maior deficiência do Projeto Rondon, que colocará em prática uma nova orientação transmitida a todos seus monitores, no sentido de dar maior realismo ao treinamento, até agora muito teórico. E, terceiro, porque o mês de junho antecede a realização de Operações-Piloto, como a programada com o BNH, que entregou 150 máquinas manuais de fazer tijolos e telhas para os rondonistas levarem a 250 municípios, onde não há nenhum programa habitacional — essa operação começará em julho e, depois de um ano, os universitários terão ajudado a construir 2.500 casas pelo sistema de mutirão, orientando as pessoas em noções de engenharia, arquitetura e assistência social.

Ainda em julho, o Projeto Rondon fará em Rondônia e no Acre uma operação especial semelhante à que foi realizada recentemente na Amazônia, em convênio com o IBDF, para levantamento dos desmatamentos clandestinos. O Instituto treinou 83 equipes com pouco mais de 300 universitários que cumpriram com êxito a missão em 83 municípios: voltaram com cadastramento de 670 serrarias clandestinas, quando o órgão tinha o levantamento de apenas 205. Agora, a operação será repetida com estudantes daquela região.

"Temos muitos planos e tomamos o cuidado de só executar aqueles que correspondam aos interesses dos universitários" — afirma o presidente da Fundação Projeto Rondon, Sérgio Pasquali. Ele assegura que a entidade tem conseguido permanecer livre para ser conduzida de acordo com o pensamento dos estudantes, sem receber nenhum tipo de pressão.

"Nas poucas vezes em que um prefeito de Interior tenta explorar politicamente os universitários, eles mesmos conseguem evitar isso, com engenho e arte próprios de estudantes. Como aconteceu no São Francisco, onde lembro-me que encontrei uma equipe toda que tinha **adoecido** ao mesmo tempo, para fugir de um prefeito que queria vangloriar-se de ter levado os rondonistas para lá."

Pasquali evita o crescimento do quadro permanente de funcionários do Projeto, acreditando que "a criação de uma 'carreira Rondon', como atividade para a vida inteira, pode resultar em concessões". Mas o Projeto Rondon tem falta de pessoal para trabalhar, o que cria um conflito contornado pela contratação de funcionários por convênios — com período de tempo pré-determinado — e de estagiários universitários.

Por outro lado, essa política compromete ainda mais o problema da continuidade dos trabalhos iniciados, de que se queixam os universitários. A rotatividade interrompe a seqüência natural dos trabalhos — e esse problema deverá ser solucionado com o Programa de Interiorização.

"Pode ser o resultado final de todos os programas do Rondon", observa Pasquali. Entre seus planos, o de Interiorização é considerado o mais audacioso e, por isso, só entrará em vigor no próximo ano, depois de muitos estudos. Trata-se da contratação de profissionais recém-formados para se fixarem no Interior, com salários atraentes que lhes permitam trabalhar com tranqüilidade.

Inicialmente, serão escolhidos 100 municípios que, conforme suas carências, receberão profissionais em condições de formar a infra-estrutura necessária. Assim, numa cidade desprovida de assistência médica, (por exemplo, chegará uma equipe formada por médico, enfermeiro e assistente social, para trabalharem juntos por um ano. Ao sair, serão substituídos por outra equipe, conforme as necessidades da época. Se os profissionais quiserem, ainda poderão permanecer na região por conta própria, com clientela já formada e conhecimentos práticos que teriam dificuldades em adquirir em pouco tempo nas cidades grandes, onde há excesso de profissionais liberais.

Esse programa é o aperfeiçoamento de uma experiência bem-sucedida do Rondon, que tem contratado técnicos de nível médio e superior para trabalhar em pequenas cidades, com o compromisso de oferecer apenas algumas horas de trabalho nas prefeituras ou hospitais públicos. A remuneração, porém, é muito baixa e obriga esses profissionais a desenvolver atividades paralelas, difíceis de encontrar nas cidades muito pobres.

Outra tímida tentativa de fixar profissionais no Interior vinha sendo feita pela chamada "interiorização espontânea", incentivada durante as operações nacionais. Recentemente, uma quintanista de Serviço Social decidiu trancar matrícula e ficar em Paratis, na Amazônia, e enviou uma carta de aviso a seus pais.

A continuidade dos trabalhos só é assegurada nos **campi** avançados, instalados por universidades em Estados distantes de sua sede, onde mensalmente as equipes se revezam executando operações programadas para todo o ano. O **campus** mais antigo é o de Santa Maria, instalado há 11 anos em Roraima. Pasquali não tem dúvida de que nessa região "alguma coisa mudou" em termos de influência de cultura. Tanto assim que o Projeto Rondon encomendou uma pesquisa à Fundação Getúlio Vargas e esta enviará antropólogos à área para analisar as interferências culturais mais de 100 técnicos gaúchos mudaram-se para Roraima.

Neste ano, o programa de Interiorização é prioritário, junto com o de Ação Comunitária, desenvolvido na periferia das médias e grandes cidades. Este último toma o cuidado de não estimular as comunidas além de suas possibilidades. Na Grande São Paulo, por exemplo, trabalharão dois mil universitários — uma participação que ainda está longe da possível na região. O Projeto Rondon está criando mais três coordenações de área no Interior — já existem sete — e outras cinco no Estado do Rio, o que deverá aumentar o recrutamento de jovens nas cidades de porte médio, até agora prejudicadas.

Outros incentivos à participação no Rondon ainda estão em estudos, como o de considerar a atuação no projeto crédito em todas as disciplinas da universidade, como já acontece com Organização Social e Política do Brasil. A medida está sendo analisada por uma comissão do MEC e do Ministério do Interior, e se for aprovada, aumentará a qualidade das operações segundo Pasqualli: "Mais vinculadas ao Projeto, as universidades poderiam incluí-lo em algumas de suas atividades, com supervisão docente. Além disso, seria possível a participação de estudantes que hoje ficam de fora por medo de reprovação em conseqüência de aulas perdidas".

No ano passado, 22 mil universitários se inscreveram na Operação Nacional, mas só seis mil foram absorvidos. "Precisamos crescer — justifica Pasquali — mas isso exige uma estrutura que ainda não temos. Por enquanto, precisamos fazer um verdadeiro vestibular para selecionar os candidatos, já que as vagas são limitadas". No ano passado, o Rondon atuou em 509 municípios. A intenção é dobrar esse número, mas os riscos ainda são grandes: "De vez em quando, paramos para corrigir as falhas, "finaliza Pasquali.

Rendimento do supletivo ainda é baixo

Da sucursal de BRASÍLIA

O índice de aprovação no ensino supletivo, em todo o País, é considerado baixo, segundo revelou a professora Zilma Parente de Barros, secretária de Ensino de 1º e 2º Graus do MEC. Ela demonstrou que dos 816.134 estudantes inscritos para exames de 1º grau apenas 197 mil conseguiram aprovação. No 2º grau, dos 1.105.000 só 226 mil — 25% — foram aprovados.

O ensino supletivo, segundo a professora, promove exames que permitem aos que estão fora da faixa etária alcançar um certificado correspondente à educação mínima de 1º grau ou de 2º graus. Contudo, disse Zilma Parente, a educação supletiva é muito mais do que a preparação para os exames.

O maior volume de demanda concentra-se na região sudeste, onde está também a maior parte dos cursos, como demonstra um novo levantamento feito pela Secretaria de 1º e 2º Graus. Essa concentração decorrente da exigência do mercado de trabalho: "As fábricas exigem uma equivalência mínima ao 1º e 2º graus, o que faz com que este tipo de exame prolifere num Estado como São Paulo".

Porém, o aperfeiçoamento do ensino supletivo, ainda que com essa demanda constatada e o baixo índice de aprovação, não terá recursos especiais este ano.

FUNCIONALISMO
TODA TERÇA-FEIRA
O ESTADO DE S. PAULO

Sears

Jaquetas esportivas com estampas.

Vários modelos à sua escolha

Preço Baixo é Sears!

455 cada

Confeccionadas com Tyvek, tecido lavável, leve, resistente. Modelos bem atuais, com zíper na frente e diversos motivos jovens em estampas localizadas. De perfeito ajuste ao corpo. Em várias cores modernas e indesbotáveis. Tamanhos: p/m/g.

UNIÃO CONTRA A INFLAÇÃO

CCS - Cartão de Crédito Sears - é Grátis

Com ele você compra e leva a mercadoria na hora, dizendo apenas: "debite em minha conta".

SATISFAÇÃO GARANTIDA OU SEU DINHEIRO DE VOLTA! SE A COMPRA NÃO AGRADAR, NÓS TROCAMOS OU REEMBOLSAMOS!

Sears

PARAÍSO, A. BRANCA E IGUATEMI COM AMPLOS ESTACIONAMENTOS GRÁTIS!
HORÁRIO: DE 2.ª A SÁBADO DAS 9 ÀS 22 HORAS (IGUATEMI: SÁBADO ATÉ 18 HORAS).

Paraíso
Praça Oswaldo Cruz
Tels.: 289-5055 - 288-8122

Água Branca
Av. Antártica, 380
Tel.: 262-9933

Shopping Center Iguatemi
Av. Brigadeiro Faria Lima, 1.191
Tel.: 210-1011